

» ESTREIA
STARTUP
WEEKEND

Brasília receberá, pela primeira vez, o evento de empreendedorismo digital Startup Weekend. Será entre 21 e 23 de fevereiro, na sede do Sebrae Nacional, na 605 Sul. Durante as 54 horas de imersão, os participantes terão a oportunidade de construir um modelo de negócios e avaliar a viabilidade dele com os mentores que estarão presentes. Mais de 600 empresas já foram criadas a partir de ideias sugeridas em edições anteriores. Inscrições e informações pelo site brasilia.startupweekend.org.

CONTRATOS

11,23%

Crescimento no número de contratos de estágio assinados em todo o país no último ano, de acordo com balanço do Centro de Integração Empresa-Escola (CIEE). Foram mais de 256 mil assinaturas em 2013, contra 230.249 em 2012

» CONTRATAÇÃO
32 VAGAS
IMEDIATAS

A fabricante de bebidas Ambev está com vagas abertas para a contratação imediata e efetiva de 32 funcionários nos cargos de repositor com carteira de motorista, repositor sem carteira de motorista, vendedor externo, auxiliar de execução, operador de meio ambiente, operador de processo de cerveja e técnico de eletroeletrônica. Entre os benefícios estão plano de saúde e odontológico, 14º salário, ticket-refeição e vale-transporte. Interessados devem cadastrar currículos nas vagas que estão disponíveis pelo link bit.ly/JwlvKs.

» ESTÁGIO
PROCURARIA DA
REPÚBLICA

Estão abertas as inscrições para o processo seletivo de estagiários da Procuradoria da República no Distrito Federal. Podem participar estudantes dos cursos de administração, arquitetura, biblioteconomia, direito, jornalismo, engenharia civil e tecnologia da informação. A bolsa é de R\$ 800 e a carga horária de 20 horas por semana. As provas para a área de direito estão previstas para 16 de março. As avaliações das demais áreas ocorrerão no dia 23 do mesmo mês. Para concorrer, é preciso estar matriculado em uma instituição de ensino conveniada, ter concluído pelo menos 40% da carga horária do curso e não estar cursando o último semestre. Inscrições pelo site www.prf.mpf.gov.br, até as 18h de 17 de fevereiro. Informações pelo telefone 3313-5507 ou pelo e-mail estagioprf@prf.mpf.gov.br.

» REGULAMENTAÇÃO
ATIVIDADE DE
PSICOPEDAGOGO

A Comissão de Assuntos Sociais (CAS) do Senado Federal aprovou, na última semana, o Projeto de Lei da Câmara dos Deputados nº 31, de 2010, que regulamenta a atividade de psicopedagogia. Pelo texto, a profissão poderá ser exercida por graduados e também por portadores de diploma superior em psicologia, pedagogia, fonoaudiologia ou licenciatura que tenham concluído curso de especialização em psicopedagogia, com duração mínima de 600 horas e 80% da carga horária dedicada a essa área. A decisão é terminativa, mas o texto voltará à Câmara para análise das modificações feitas pelo Senado.

>> entrevista LOURENÇO BUSTANI

A partir do conceito de inovação consciente, cofundador da consultoria Mandalah ajuda empresas no mundo todo a pensarem produtos e ações que possam transformar a vida das pessoas

Mais do que uma ideia brilhante

» MARIANA NIEDERAUER

Formado em relações internacionais e em ciência política na Universidade da Pensilvânia, o brasileiro Lourenço Bustani tornou-se um especialista em “pensar fora da caixa”. E isso não significa apenas ter ideias novas, mas também propor maneiras para que elas tenham algum impacto, seja na sociedade, seja entre os colaboradores das empresas. “Não tem uma ciência por trás disso, tem simplesmente uma reflexão, de que eu sou porque nós somos, logo, o seu bem-estar está ligado ao meu e vice-versa. Se eu quiser que uma empresa seja bem-sucedida, tenho que garantir que, ao longo do caminho, ninguém se prejudique”, detalha. A partir desse princípio, ele construiu, com a equipe da consultoria Mandalah, da qual é cofundador e CEO global, o conceito de inovação consciente. Filho de diplomatas, nasceu e foi criado fora do país, mas mora há 10 anos no Brasil, três deles em Brasília. Em 2012, foi eleito uma das 100 pessoas mais criativas do mundo pela revista *Fast Company*. Hoje, a consultoria, com sede em São Paulo, tem escritórios no Rio de Janeiro, em Berlim, na Cidade do México, em Nova York e em Tóquio. Nesse período, ajudou a GM a pensar o futuro da mobilidade em grandes cidades, como São Paulo, e contribuiu para as ações da Nike na Copa do Mundo de 2014 e nas Olimpíadas de 2016. Em entrevista ao *Correio*, Lourenço fala sobre o conceito de inovação consciente. Ele estará em Brasília em 18 fevereiro para ministrar palestra sobre o tema no auditório do jornal.

O que significa inovação consciente?

Há alguns anos, a palavra inovação vem circulando em todos os setores do mercado. Mas, num determinado momento, nós paramos e nos perguntamos: ‘o que é inovação para a Mandalah?’. Vimos que, para nós, uma ideia só é inovadora se ela melhora a vida das pessoas, caso contrário ela é apenas uma novidade. Acreditamos que a inovação consciente nasce na intersecção entre lucro e propósito. Se você estiver inovando simplesmente motivado pelo dinheiro, talvez até chegue ao mercado com alguma coisa que venda, mas ela só estará a serviço de metas financeiras. Entretanto, quando você começa a pensar como esse produto ou serviço vai mudar a vida das pessoas, está trazendo consciência para o processo criativo: está fazendo uma coisa que trará dinheiro para o acionista, o que é fundamental, mas deixará um legado positivo na vida das pessoas, o que também é fundamental. E nós acreditamos que o setor privado carrega o ônus de conseguir entender o que ele representa, além do comércio que ele gera, devido ao papel das empresas na sociedade. Elas empregam muita gente, extraem recursos do meio ambiente — em maior ou menor grau — e formam cultura. Tudo isso vem com responsabilidade.

Esse conceito tem a ver com sustentabilidade?

Não usei essa palavra no meu discurso porque ela se diluiu muito, ficou muito banalizada. Mas a sustentabilidade, na sua essência, significa a perpetuação de alguma coisa. Aqui, estamos falando da perpetuação dos negócios. O nosso ponto de vista é de que as coisas só vão se perpetuar a partir do momento em que elas forem benéficas para todos. Então, é claro que estou falando em sustentabilidade, mas ela não é auxiliar ao meu discurso, ela é meu ponto de partida.

Como a Mandalah ajuda as organizações a desenvolverem essa proposta?

Em primeiro lugar, é fundamental estarmos conectados e sintonizados com o mundo em que vivemos. Quem trabalha na Mandalah tem uma sensibilidade cultural bastante apurada. São pessoas que estão viajando e mergulhando em universos um pouco diferentes dos que estão acostumadas, ampliando a visão, aumentando o repertório. Pessoas que estão, portanto, despertadas. A segunda coisa é trazer para as empresas um olhar sistêmico a respeito da atuação delas. É como dar um *zoom out* (ampliar a visão) e começar a enxergar esferas de influência de uma determinada empresa. Nós mostramos que as atividades daquela instituição têm um alcance muito maior do que os executivos imaginavam, cada decisão desencadeia um sistema de conexões que essa empresa tem com o ecossistema ao qual ela pertence, que é composto por uma série de *stakeholders* — todo mundo direta ou indiretamente envolvido com o negócio — e

Adriano Fagundes/Divulgação



» Anote

Em 18 de fevereiro, Lourenço Bustani ministrará a palestra Inovação consciente — Lucro, cidadania e felicidade. O evento é gratuito e ocorrerá às 19h, no auditório do *Correio Braziliense*. Todas vagas foram preenchidas, mas quem tiver interesse em participar pode colocar o nome na lista de espera, pelo site tercadainovacao.eventbrite.pt.

não só *shareholders* — os acionistas. Uma vez que conseguimos enxergar os pontos de contato dessa empresa dentro desse ecossistema, começamos a estabelecer diálogos com pessoas que até então não conversavam com a instituição e começamos a entender os anseios e as necessidades até então não atendidas, para criar uma agenda compartilhada entre todos.

Qual o benefício desse tipo de visão para quem é funcionário?

Quando você traz propósito para aquilo que faz, tudo ganha outra dimensão. Eu acho que há muitos profissionais no mercado que não sabem muito bem porque se sacrificam tanto por uma empresa que talvez não compartilhe sua visão de mundo, muito menos seus valores. Acho que é isso o que pode de fato projetar o profissional para o futuro, porque, nessa reflexão você acaba descobrindo melhor o que quer fazer para a vida, com que tipo de profissional quer trabalhar. É um grande orientador para a vida, que te permite estabelecer metas e orientar as decisões futuras também.

Isso tem um reflexo imediato na produtividade, porque a pessoa trabalha com algo que ela realmente acredita.

Existe algum país que tenha avançado mais no desenvolvimento e na expansão desse conceito?

Existem berços desse pensamento mais progressista na Califórnia, na Inglaterra, em Nova Iorque e nas costas Leste e Oeste dos Estados Unidos. É possível ver vários movimentos hoje em dia em torno desse tema de consciência nos negócios, investimento de impacto, pessoas questionando como a atividade econômica pode estar a serviço de algum impacto social. Existem empresas e profissionais autônomos que estão surfando a mesma onda. Eles realmente acreditam que o futuro dos negócios está em entender como eles podem estar a favor de todos e não a favor de alguns.

Ele pode ser usado pelo governo?

Claro que sim, a grande arte do governo é conseguir articular o diálogo entre sociedade civil, o próprio governo e o setor privado. O que é isso na sua essência? É valor compartilhado: como a gente consegue alinhar as políticas públicas com os incentivos do setor privado e os interesses da sociedade civil para que todos ganhem. Então, é a mesma mentalidade do setor privado, que é o canal pelo qual estamos semeando esse pensamento. Mas, muito em breve, vamos abrir um braço da Mandalah voltado ao desenho de políticas públicas para a sociedade civil, cidadãos, pretendentes a governantes ou governantes.

Brasil dá os primeiros passos

A inovação ainda não é regra nas empresas brasileiras. Poucas perceberam o diferencial competitivo que ela representa e tomaram a atitude de adotar processos inovadores: 98,9% dos empreendimentos iniciais no país lidam com conhecimentos que ninguém considera novo, de acordo com dados do estudo Global Entrepreneurship Monitor, de 2012. “O processo de inovação no Brasil ainda está em aprendizado. Temos dificuldade em tomar riscos, e inovação é isso, buscar uma nova forma de fazer. Nem sempre você acerta na primeira vez”, afirma Marcos Nascimento, presidente do Instituto Illuminante, responsável pela palestra do CEO da Mandalah, Lourenço Bustani, em Brasília. O especialista destaca que o preço dos erros no país ainda é muito alto, por isso as empresas brasileiras inovam menos. Na Nature, a inovação está na essência do negócio e alcança todos os funcionários, segundo o vice-presidente da área, Gerson Pinto. “A inovação é o nosso modelo comercial e nosso lema de gestão. Ela não pode se dar apenas em uma área, tem que permear todas elas.” A empresa foi consi-

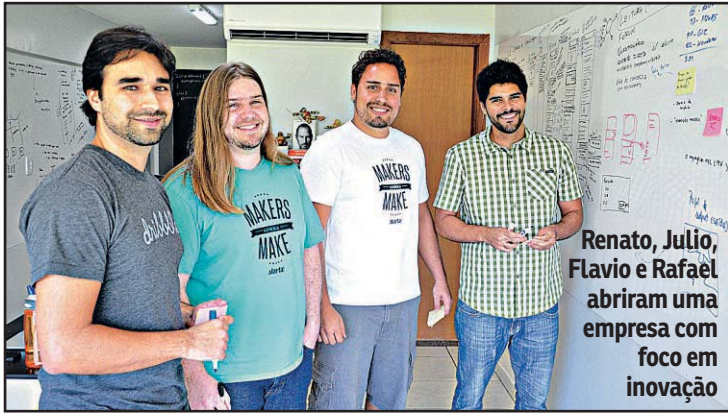
derada uma das 10 mais inovadoras do mundo na lista da revista norte-americana *Forbes* divulgada no ano passado. Para que toda a cadeia de produção da organização funcione dessa forma, alguns pilares são importantes, como a relação entre consultor e cliente, o contato com universidades, fornecedores e centros de pesquisa, a parceria com o governo e com agências de fomento, a motivação dos funcionários e a presença física — a empresa tem centros de inovação em Cajamar (SP), Manaus, Pará e Nova York. Em 2012, a Nature investiu R\$ 158,9 milhões em inovação, o que representa 2,6% da receita líquida no mesmo ano. “O Brasil tem avançado bastante. Há várias ações de incentivo, agências de fomento e a abertura das universidades é cada vez maior. Mas ainda temos um caminho grande pela frente, precisamos desonerar e dar mais velocidade ao processo de inovação”, avalia o vice-presidente.

Exemplo na capital

Em 2009, Flavio Ludgero e outros três sócios, Julio Protzek, Ra-

fael Torales e Renato Carvalho, perceberam que havia empresas ao redor do mundo fazendo negócios de maneira diferente. Dois conceitos usados por elas chamaram a atenção dos jovens empresários, o *design thinking* (leia a Palavra de especialista) e o *lean* — modelo criado pela montadora Toyota que evita desperdícios e desenvolve ciclos de aprendizagem mais curtos. Misturando as duas abordagens e com foco no design de serviços, eles criaram a Startaê, em 2011, empresa que presta consultoria para outras organizações interessadas em inovar. Hoje, eles atendem startups que estão consolidadas no mercado e grandes empresas. O trabalho leva em consideração três pontos principais: o desejo das pessoas envolvidas e a viabilidade técnica e financeira da ideia. “Normalmente, a expectativa do cliente é financeira, mas, no meio do caminho, ela muda. Os projetos de inovação costumam começar pelas pessoas, o que inverte o modelo de outras consultorias”, explica Flavio. Agora, o objetivo dos empresários é difundir esse conceito no setor público, principal mercado de Brasília. (MN)

Paula Rafiza/Esp, CB/D.A Press



» Palavra de especialista

Do presidente ao faxineiro

Design thinking não é um conceito novo. O primeiro uso é dos anos 1980. Essa abordagem centra o processo de inovação na participação dos vários atores presentes. Ele não se aplica exclusivamente ao design de produtos, de serviços ou de negócios, é uma forma de projetar: pensar não apenas a inovação como algo novo, mas algo novo que agregue alguma coisa para pessoas no mundo real. Ela costuma tratar problemas com-

plexos, como o aquecimento global e o trânsito. O cenário no Brasil é bem heterogêneo. As grandes empresas já sabem que a inovação é o diferencial. Algumas realizam isso de forma muito tradicional, outras já criam gerências de inovação. As médias empresas, em geral, têm uma cultura muito hierárquica, que vai contra toda essa abordagem. Em projetos de inovação, o ideal é trazer o presidente e o faxineiro a um ambiente onde todos se sintam à vontade para contribuir.

Heloisa Moura, doutora em design pelo Instituto de Tecnologia de Illinois, nos Estados Unidos